

DOVER · THRIFT · EDITIONS

Robert Louis Stevenson

O CLUBE DOS SUICIDAS

UNABRIDGED



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

O Clube dos Suicidas
Robert Louis Stevenson

História do rapaz dos pastéis de nata

Durante a sua permanência em Londres, o ilustre príncipe Florizel de Boêmia granjeou a simpatia de todas as classes sociais, não só pela sedução das suas maneiras como pela evidente generosidade do seu espírito. O que dele chegava ao conhecimento do público era suficiente para o notabilizar, e, todavia, isso não era quase nada. Embora de temperamento calmo na vida quotidiana, e habituado a encarar as coisas com a maior naturalidade, não se pode dizer, contudo, que o príncipe de Boêmia não tomasse gosto por certos lados aventureiros da existência, demasiadamente excêntricos para a sua posição na sociedade. Uma vez por outra, quando se sentia fatigado do mundo, quando não havia nos teatros de Londres nenhuma peça que o pudesse divertir nem o tempo estava propício aos desportos de ar livre, em que ele era exímio, então ordenava ao seu estribeiro-mor e confidente, coronel Geraldine, que lhe preparasse algumas daquelas excursões noturnas em que os dois se compraziam.

O estribeiro-mor era um oficial ainda novo, destemido, senão mesmo um tudo-nada petulante. Recebia a ordem com prazer, e apressava-se a dar-lhe realidade. A prática que possuía da vida, o convívio que tivera com muita gente, haviam-lhe criado o dom natural de saber se disfarçar: era capaz não só de modificar as feições e o porte, mas até a voz e a maneira de ser, integrando-se no feitio e caráter de indivíduos das mais diversas nações. Desta forma conseguia desviar de cima do príncipe a atenção dos outros, e obtinha facilmente admissões, para os dois, nas mais estranhas assembleias. As autoridades nunca tinham chegado a saber nada a respeito destas aventuras; a imperturbável serenidade de um, e o espírito inventivo, mas sempre cavalheiresco, do outro, haviam feito com que eles passassem sempre incólumes, através de todos os perigos; e assim, com o decorrer do tempo, a confiança fora aumentando.

Certa noite de Março, uma súbita carga de água obrigou-os a recolherem-se no Oyester Bar, não muito longe de Leycester Square. O coronel Geraldine ia vestido e equipado de maneira a que o tomassem por um indivíduo relacionado com o meio jornalístico; e o príncipe, sobre a indumentária e fisionomia habituais, lançara o disfarce dumas suíças falsas e dumas sobranceiras postiças, o que lhe dava um ar agressivo, numa cara de poucos amigos. Sabida, como era, a sua urbanidade de trato e de expressão, aquilo tornava-o efetivamente irreconhecível. E, assim incógnitos, resolveram os dois tomar sossegadamente a sua bebida predileta.

A casa estava cheia de comensais, homens e mulheres. Embora alguns deles mostrassem vontade de entabular conversa, o certo é que os dois amigos não descobriam ali ninguém com quem valesse a pena travar conhecimento. Bem se podia dizer que era a escória da cidade, e aquele lugar um antro de sordidez; o príncipe já começava a bocejar e a considerar a noitada sem interesse, quando a porta de novo girou, lançando violentamente na sala, um após outro, um homem bastante novo e dois moços de fretes. Cada um destes trazia um prato coberto, que imediatamente destapou, deixando ver apetitosos pastéis de nata. O rapaz e os ajudantes deram a volta à casa, oferecendo aos clientes, com a máxima cortesia, o conteúdo dos pratos. Houve gente que aceitou, no meio de grandes gargalhadas, e houve outra que rejeitou indignada, mostrando-se ofendida na sua dignidade. Nesta última hipótese era o ofertante quem afinal comia o pastel, acompanhando o ato de comentários mais ou menos espirituosos.

Por fim aproximou-se do príncipe Florizel.

– Cavalheiro – disse ele, fazendo um cumprimento e mostrando o bolo entre o polegar e o dedo indicador – Quer dar-me a honra de provar? Posso garantir a excelente qualidade, porque, desde as cinco horas da tarde, não faço outra coisa senão comer pastéis destes.

– É meu costume – respondeu o príncipe – olhar menos à natureza da oferta do que à maneira como ela é feita.

– A maneira – replicou o desconhecido, repetindo a vênua – é puramente burlesca.

– Sim? E de quem pretende troçar?

– Não venho para aqui expor o meu conceito filosófico, mas apenas distribuir estes produtos de pastelaria. Se lhe disser que me divirto também comigo mesmo, espero que ficará satisfeito e perdoará. Se não, ver-me-ei constrangido a comer o meu vigésimo oitavo bolo, e confesso que o exercício me vai cansando já.

– Sensibiliza-me; creia – disse o Príncipe – e tenho a maior vontade em livrá-lo desse dilema, porém, com uma condição. Se o meu companheiro e eu comermos os seus pastéis (para os quais, seja dito, não nos sentimos com grande disposição) gostaria que o senhor se juntasse a nós dois e fôssemos todos três cear.

O rapaz pareceu refletir um momento.

– Tenho ainda algumas dúzias por consumir –olveu ele, por fim –, e vai ser preciso visitar ainda outros botequins a ver se me desfaço de vez. É coisa para levar o seu tempo; e se o senhor está com pressa...

O príncipe interrompeu-o, com um gesto cheio de deferência.

– Eu e o meu amigo acompanhá-lo-emos – declarou ele –, temos plena confiança no seu modo de passar a noite, que pressentimos ser agradabilíssimo. E agora, que os preliminares da paz estão definidos, deixe-me assinar o respectivo tratado.

E o Príncipe devorou o pastel com uma elegância indiscutível.

– É delicioso – observou.

– Vejo que é entendido – replicou o rapaz. O coronel Geraldine também fez honra à doçaria; e como toda a gente, naquele lugar, já tinha aceitado ou recusado os pastéis de nata, aquele excêntrico sujeito saiu para ir a outros estabelecimentos congêneres. Os dois moços de fretes, que dir-se-ia já estarem habituados àquele estranho emprego, seguiram-no sem demora; e o príncipe e o coronel, de braço dado e sorriso nos lábios, formaram na retaguarda do cortejo. Com esta mesma ordem, o grupo visitou outras tabernas, onde se repetiram cenas semelhantes à que narramos – uns rejeitando, outros comendo os bolos, e o rapaz acabando por engolir o que não conseguia ver aceite.

Ao deixarem o terceiro estabelecimento, contou o rapaz o remanescente dos pratos. Não havia senão nove pastéis, três num e seis no outro.

– Cavalheiros – disse ele, dirigindo-se aos seus novos companheiros. – Não quero retardar mais a vossa ceia. Tenho a certeza de que devem estar com fome, e a minha obrigação é mostrar-me atencioso. Este dia é notável para mim, pois fecho, com a mais patusca das ações, uma carreira repleta de loucuras. Quero proceder gratamente a quem deu tão graciosa ajuda. Cavalheiros, não vos farei esperar mais. Embora a minha saúde esteja prejudicada por uma vida de excessos, liquidarei, com risco da própria existência, o obstáculo que se opõe à imediata resolução da nossa festa.

Dizendo estas palavras, o rapaz engoliu os nove bolos que restavam, um a um, com a maior serenidade. Depois, voltando-se para os ajudantes, deu a cada um deles a sua gratificação. E acrescentou:

– Agradeço a vocês a paciência com que me aturaram. – Com um aceno de cabeça, despediu-os, e ficou uns instantes a olhar para a carteira de onde tirara o dinheiro. Finalmente, veio a rir para o meio da rua e declarou-se ao dispor dos dois distintos companheiros.

Foi num restaurantezinho francês do Soho, que durante algum tempo gozou de exagerada reputação, mas que depressa decaiu do favor do público, foi aí, dizia, que os três encomendaram uma ceia, conversando entretanto de assuntos variados. Estavam num gabinete reservado, para chegar ao qual se subiam dois degraus. Tinham pedido três ou quatro garrafas de champagne. O rapaz era falador e jovial, mas ria em excesso, o que não era natural numa criatura de boa estirpe; as mãos tremiam-lhe violentamente, e a voz tomava súbitas e surpreendentes inflexões, talvez mesmo contra a vontade dele. O criado levantou a mesa, e os três acenderam os charutos. O príncipe dirigiu-se então ao desconhecido, nestes termos:

– Espero que me há de perdoar a curiosidade. Tudo o que até agora observei na sua pessoa é deveras interessante, mas confesso que me intriga bastante; ainda que me desagrade

parecer indiscreto, devo dizer-lhe que o meu companheiro e eu somos pessoas a quem se pode confiar um segredo. Nós próprios os temos também, e os revelamos constantemente a ouvidos estranhos. E se, como julgo, a sua história é coisa extravagante, não se coíba por nossa causa, porque somos os homens mais extravagantes da Inglaterra. Chamo-me Theophilus Godall, e aqui o meu amigo é o major Alfred Hammersmith, ou, pelo menos, é o nome pelo qual ele prefere ser conhecido. Passamos a nossa vida unicamente em busca de aventuras originais; e não há nenhuma extravagância que não mereça a nossa simpatia.

– Gosto de si, senhor Godall –olveu o desconhecido –, o senhor inspira-me plena confiança, e, contra o seu amigo major, não tenho nada a objetar. Calculo que é um fidalgo disfarçado: oficial é que não me parece que seja.

O coronel sorriu a este cumprimento, com a sua arte consumada. E o rapaz continuou, cada vez mais animado.

– Há várias razões pelas quais eu não devia contar-lhes a minha biografia; é talvez por isso que estou resolvido a relatá-la. Além disso, vejo-os tão bem preparados para ouvi-la, que seria indigno desiludi-los. O meu nome, ao contrário do dos senhores, não será revelado. A minha idade nada tem que ver com a narrativa. Descendo dos meus ascendentes, como acontece a todas as pessoas, e deles herdei a casa que hoje ocupo, além duma renda de trezentas libras por ano. Suponho que deles também herdei este temperamento leviano, que é o que mais me tem favorecido. Recebi excelente educação. Toco violino, o suficiente para poder empregar-me numa orquestra de pouca responsabilidade. O mesmo direi a respeito de flauta e cornetim. Aprendi do *whist* o bastante para perder uma centena de libras anualmente neste jogo científico. Conheço da língua francesa quanto basta para dissipar em Paris, com a maior facilidade, o mesmo dinheiro que dispendo em Londres. Em suma, sou uma pessoa revestida de ótimas prendas. Tenho passado por muitas aventuras, sem excluir um duelo por motivos fúteis. Há precisamente dois meses encontrei uma senhora talhada para o mesmo gosto, tanto no corpo como no espírito. Senti um baque no coração; compreendi que o meu destino se realizava e de que eu estava prestes a apaixonar-me. Mas quando deitei as contas ao que me restava de capital, verifiquei que não ia para mais de quatrocentas libras. Respondam-me, se fazem favor: pode um homem enamorar-se, quando tem apenas quatrocentas libras? Decerto que não, é o que vão responder-me. Pondo de lado a minha paixão nascente, e acelerando o ritmo das minhas despesas, cheguei esta manhã às minhas últimas oitenta libras. Esta soma dividi-a em duas partes iguais: quarenta destino-as a um fim especial; as restantes dissipei-as até agora. Passei um dia divertidíssimo, e fiz várias partidas além daquela dos pastéis de nata que me proporcionou o prazer do vosso conhecimento. Pois resolvi, como já lhes contei, dar um remate extravagante a uma carreira toda feita de extravagâncias. Quando me viram olhar para a carteira, no meio da rua, as quarenta libras estavam já no fim. Agora já me conhecem tão bem como eu próprio me conheço: um maluco, que persiste na maluqueira. O que não sou, e é favor acreditar-me, é choramingas, nem cobarde.

Daquela declaração do rapaz, e do tom com que a pronunciara, concluía-se que ele albergava em si muita amargura misturada com orgulho. Os seus auditores calcularam que a tal paixoneta de que falara não estava tão posta de parte como quisera fazer acreditar; e que havia qualquer projeto de vida esboçado na sua mente. A comédia dos pastéis tinha todo o aspecto duma tragédia disfarçada.

– Não parece estranho – atalhou Geraldine, trocando um olhar com o príncipe Florizel – que nós três, encontrados por mero acaso neste ermo de Londres, estejamos todos nas mesmas condições?

– O quê? – exclamou o rapaz. – Estão ambos, também arruinados? Esta ceia é uma loucura semelhante à dos pastéis? Reuniu-nos o acaso para que façamos a derradeira orgia?

– Deus – interveio o príncipe – às vezes escreve direito por linhas tortas. Esta coincidência impressiona-me bastante; e, embora não estejamos verdadeiramente no mesmo caso, eu vou acabar com a única diferença que existe. Deixe-me tomar como exemplo a sua heróica farsa dos pastéis.

Dizendo isto, o príncipe tirou a carteira e exibiu um punhado de notas.

– Como vê – disse ele – tenho ainda uma semana de atraso quanto a si, mas quero ver se o alcanço e me ponho a par quando chegarmos à meta. Isto – e atirou uma das notas para cima da mesa – é para pagar a conta. Quanto ao resto... – E enquanto falava, aproximou as outras do lume, reduzindo-as num instante a cinzas.

O rapaz quis deter-lhe o gesto, mas a mesa, que os separava, impediu que a sua intervenção chegasse a tempo.

– Desgraçado! Não devias tê-las destruído todas! Devias ter guardado quarenta libras!

– Quarenta libras! – repetiu o príncipe. – Em Nome do Céu, por quê?

– Porque não oitenta? – exclamou por sua vez o coronel. – Pelos meus cálculos, arderam na vela justamente cem.

– É de quarenta libras apenas que ele precisa – voltou o rapaz, com ar sombrio. – Sem elas, ninguém pode ser admitido. O regulamento é expresso. Quarenta libras por cabeça. Maldita vida, em que um homem precisa de dinheiro para se matar!

O príncipe e o coronel entreolharam-se.

– Queira explicar-se – disse este último. – Tenho ainda comigo uma certa soma, e escuso dizer que estou pronto a compartilhá-la com Godall. Mas desejo saber para que fim. Certamente vai pôr-nos ao fato da sua ideia.

O rapaz pareceu despertar. Mirou ora um, ora outro, e corou intensamente.

– Não estão a rir-se de mim? – perguntou. – Os senhores estão realmente arruinados?

– É como diz – respondeu o coronel. – Pela minha parte estou depenado.

– E eu também – acrescentou o príncipe. – Já lhe dei a prova disso. Quem, senão um homem perdido, se atreve a queimar as últimas notas? O ato falou por si próprio.

– Sim, realmente, um homem perdido... ou então um milionário – comentou o outro.

– Já disse bastante, cavalheiro – voltou o príncipe. – Não estou habituado a que ponham em dúvida as minhas palavras.

– Arruinados? – repetiu o rapaz. – Exatamente como eu? Chegastes também, depois duma vida de desregramentos, a uma altura em que só se tem uma solução possível? Confessareis as vossas loucuras, escolhendo o único e infalível desfecho delas? Ides desanuviar a vossa resolução heróica?

Interrompeu-se de súbito, e desatou à rir.

– À vossa saúde! – gritou, enchendo o copo. – E boa noite a ambos, meus felizardos sem vintém.

Ia levantar-se, mas o coronel Geraldine segurou-o por um braço.

– Você não tem confiança em nós – disse-lhe então.

– Mas está enganado. A todas as suas perguntas responderei categoricamente. Não sou tímido, até me atrevo a falar, cara a cara, com a Rainha de Inglaterra.

– Nós também, como vocês, estamos fartos da vida e decidimos pôr lhe termo. Cedo ou tarde, sós ou acompanhados, tencionávamos procurar a morte, estivesse ela oculta onde estivesse, e ali a desafiáramos. Desde, porém, que o encontramos, que seja esta noite, e já! E, se permite, todos ao mesmo tempo. Como um trio na penúria, caminemos de braço dado para a mansão de Pluto, e, de cara alegre, entremos no meio das sombras.

O coronel Geraldine dera tal acento de verdade às suas palavras, que o príncipe se sentiu perturbado e olhou para o seu amigo com certa desconfiança. Quanto ao rapaz, estava congestionado e os olhos cintilavam-lhe inquietos.

– São as pessoas de que necessito! – exclamou este, com uma alegria terrível. – Apertemos as mãos em sinal de ajuste – Tinha os dedos frios e úmidos. – Mal sabem os senhores em que sociedade vão entrar! Mal sabem que feliz momento foi este em que partilharam dos meus pastéis de nata! Pertença a um único regimento e conheço as portas secretas que conduzem à morte. Sou um dos seus familiares, e saberei levá-los à eternidade sem cerimônias e, principalmente, sem escândalo.

Os outros pediram-lhe fervorosamente que expusesse o seu plano.

– Têm, em conjunto, oitenta libras? – inquiriu o rapaz.

Geraldine consultou ostensivamente a carteira e respondeu pela afirmativa.

– Parabéns a ambos! – exclamou o outro. – Quarenta libras é a entrada de cada pessoa no Clube dos Suicidas.

– Clube dos Suicidas... –olveu o príncipe. – Que diabo de coisa é essa?

– Ouça – continuou o rapaz. – Estamos na época do conforto, e isto é a última palavra nessa matéria. Os negócios, hoje, realizam-se em toda a parte, por isso se inventaram os caminhos de ferro. Mas, em todo o caso, ficávamos separados dos nossos sócios e amigos; de aí, os telégrafos que nos põem em imediata comunicação com eles. Nos hotéis temos os ascensores que nos levam a todos os andares. A vida é um espetáculo onde nos divertimos, enquanto houver disposição para isso. Só faltava uma coisa neste conforto moderno: uma maneira decente de abandonar esse espetáculo, uma escadinha particular que nos conduzisse à liberdade, ou, como disse há pouco, às portas secretas da morte. A esta necessidade veio satisfazer, meus amigos, o Clube dos Suicidas. Não se julgue que somos os únicos que sentimos o desejo, digno e razoável, de utilizar esse serviço. Grande número de cavalheiros, sinceramente desgostosos da vida, estão presos a ela apenas por uma ou duas considerações; alguns têm família que podia melindrar-se, e censurá-los, se a coisa se tornasse pública; outros são pouco corajosos e recuam perante os pormenores da morte. Sei tudo isso por experiência própria. Nunca fui capaz de apontar um revólver à cabeça e puxar o gatilho; por mais forte que me julgue, o que é certo é que me detenho, e não consigo. E, apesar de não ter amor à vida, falta-me o ânimo para destruí-la. Para casos destes, e para todos os que desejam desaparecer sem escândalo póstumo, é que se fundou o Clube dos Suicidas. Como se chegou a essa realização, qual a sua história e quais as sucursais que tenha noutros países, são coisas que eu ignoro; mesmo o que sei a respeito do regulamento não estou autorizado a divulgar. Em todo o caso, estou às vossas ordens. Se realmente os senhores se sentem enfastiados da vida, tenho muito gosto em introduzi-los esta noite naquela assembleia. E, se não for esta noite, pelo menos no espaço de uma semana garanto que facilmente serão libertados deste mundo. São agora – disse ele, consultando o relógio – onze horas. De aqui a meia hora, o mais tardar, devemos sair deste restaurante. Têm meia hora para refletirem na minha proposta. É mais séria que a história dos pastéis de nata – acrescentou, com um sorriso –, e quero crer que muito mais saborosa.

– Mais séria, sem dúvida – repetiu o coronel Geraldine. – E, por isso mesmo, gostava de falar em particular com o meu amigo Sr. Godall, apenas uns cinco minutos. Dá licença?

– Com todo o gosto – respondeu o rapaz. – Se quiserem, posso retirar-me.

– É muito amável – disse o coronel.

Logo que ficaram sós, o príncipe Florizel perguntou ao seu confidente:

– Que é isto? Em que trapalhada nos meteste? E estás perturbado, ao passo que eu me sinto absolutamente tranquilo. Sempre quero ver o fim de tudo isto...

– Alteza – replicou o coronel, empalidecendo – permita que lhe suplique tenha em consideração não só sua vida, mas também o interesse público. O homem disse que podia deixar de ser esta noite; ora, admitindo que acontecia qualquer desastre irreparável à pessoa de Vossa Alteza, qual não seria o meu desespero e desgosto da nação?

– Quero ver o fim da história – repetiu o príncipe com o ar mais resolutivo do mundo. – E tem paciência Geraldine, mas a tua obrigação é cumprir a palavra que deste a esse maluco. Em nenhuma circunstância, lembra-te bem, desvendaremos o incógnito sob o qual viajamos no estrangeiro. São estas as minhas ordens, que mais uma vez confirmo. E agora – concluiu – fazes favor pede a conta.

O coronel baixou a cabeça em sinal de acatamento. Mas estava lívido quando chamou outra vez o desconhecido, e quando liquidou a despesa com o criado. O príncipe conservava toda a sua paz de espírito e representou com o jovem candidato a suicida uma comédia divertidíssima. Evitou sempre os olhares suplicantes do coronel, e até escolheu, com o cuidado do costume, um

bom charuto entre os da sua preferência. Era realmente, dos três, o único que mantinha o domínio do sistema nervoso.

Liquidada a conta, deu o príncipe toda a demasia ao criado estupefato. Depois, tomaram lugar numa carruagem, e partiram; mas não tinham ainda feito grande percurso, quando o carro parou na entrada de um pátio um tanto escuro. Apearam-se.

Geraldine pagou a corrida; e o rapaz, voltando-se para o príncipe Florizel, dirigiu-se-lhe nos seguintes termos:

– Ainda está a tempo, Sr. Godall, de considerar no que vai fazer. E o senhor também, major Hammersmith. Reflitam antes de dar o passo decisivo. E se os corações lhes dizem não, aí têm o caminho para retroceder.

– Introduza-me, senhor – replicou o príncipe –, não sou pessoa que diga uma coisa mais de uma vez.

– A sua serenidade é animadora – comentou o outro. – Nunca vi ninguém tão fiel à sua palavra, e todavia não é o primeiro que eu conduzo até aqui. Muitos dos meus amigos me têm precedido neste lugar, que eu sabia que mais tarde ou mais cedo devia franquear. Mas isto não lhes interessa naturalmente. Esperem-me aqui uns minutos só. Voltarei logo que tenha resolvido os preliminares da apresentação.

Com isto o rapaz deixando os seus companheiros, entrou no pátio, meteu-se por um portão e desapareceu.

– De todas as nossas loucuras – disse o coronel em voz baixa – esta é sem dúvida a mais perigosa.

– Também o creio – replicou o príncipe.

– Temos ainda um momento a nosso favor. Deixe-me pedir-lhe, Alteza, que aproveite a oportunidade para nos retirarmos. As consequências deste passo podem ser tão graves, que me considero justificado se eu abusar da liberdade de linguagem que Vossa Alteza se digna conceder-me fora das circunstâncias oficiais.

– Será possível que o coronel Geraldine tenha medo? – perguntou o príncipe, tirando o charuto da boca e olhando fixamente para o seu interlocutor.

– O medo que sinto não é certamente pela minha pessoa – volveu o confidente, ofendido no seu orgulho. – O que pretendo é velar pela sua segurança.

– Bem sei – atalhou o príncipe, sempre de bom humor –, mas não olhemos à diferença das nossas condições. Basta, basta! – acrescentou, prevendo as desculpas de Geraldine. – Estás perdoado.

E continuou a fumar placidamente, encostado à balaustrada, até que o desconhecido reaparecesse.

– Então, a nossa recepção está resolvida?

– Queiram seguir-me. O presidente vai recebê-los no seu gabinete. Permitam-me que os previna de que devem ser francos nas suas respostas. Tomei esse compromisso, mas o clube exige que se faça um inquérito antes da admissão. A indiscrição de um sócio seria suficiente para inutilizar a missão que o clube se propõe levar a efeito.

O príncipe e o coronel tiveram ambos a mesma ideia. Coragem, pensou um. Coragem, pensou o outro. Acostumados como estavam a pôr acima de tudo a sua dignidade, bastou-lhes um recíproco olhar para se entenderem; e ousadamente seguiram o seu introdutor até ao escritório do presidente.

Não havia grandes obstáculos no trajeto. A porta exterior permanecia escancarada; a do gabinete estava entreaberta. E ali, num compartimento pequeno mas elegante, o rapaz deixou-os só mais uma vez.

– Ele não tardará – informou, cumprimentando e saindo.

Ouviam-se vozes através das portas fechadas, e de vez em quando o ruído de uma rolha que estalava de uma garrafa de champagne, seguindo-se muitas gargalhadas e conversação animada. De uma janela alta via-se o rio e a represa, e, pela disposição das luzes, concluir-se-ia

não ser longe da estação de Charing Cross. A mobília era escassa, e o forro das poltronas já muito usado. Não havia nenhum objeto em cima da mesa redonda, senão uma campainha; na parede estavam pendurados muitos chapéus e sobretudos.

– Que espécie de antro será este? – disse Geraldine.

– É o que vamos ver – redarguiu o príncipe. – Deve ser divertido trocar impressões com esta gente.

Precisamente nessa ocasião abriu-se meio batente da porta, dando passagem apenas a uma pessoa; o temível presidente do Clube dos Suicidas. Sentiu-se ao mesmo tempo um burburinho de vozes. O presidente orçava pelos cinquenta anos, ou mais. Largo de ombros, desajeitado no porte, com suíças hirsutas, tinha uma calva no alto da cabeça e olhos cinzentos semicerrados, de onde saía, uma vez por outra, um lampejo. A boca, onde segurava um enorme charuto, continuamente a remexia para todos os lados. Olhou para os visitantes com uma atenção fria e sagaz. O fato era de fazenda leve; a gola larga da camisa, muito aberta, deixava ver-lhe a garganta. Debaixo do braço apertava um livro de apontamentos.

– Boa noite – disse ele, depois de fechar a porta. – Disseram-me que os senhores desejavam falar comigo.

– Gostaríamos de pertencer ao Clube dos Suicidas – explicou o coronel.

O presidente volteou o charuto na boca.

– Que coisa é essa? – indagou abruptamente.

– Queira perdoar – replicou o coronel. – Mas creio que é a pessoa mais autorizada para nos dar esclarecimentos sobre esse assunto.

– Eu? Clube dos Suicidas? Essa agora! Isso é gracejo próprio do dia das petas, permitido a cavalheiros a quem o vinho tivesse subido à cabeça. Acabemos, pois, com isto.

– Chame à sua casa o que quiser – disse o coronel. – Sinto que há pessoas nas outras salas, e desejo juntar-me a elas.

– Senhor – atalhou o outro bruscamente –, parece-me que está enganado. Isto é uma casa particular; peço-lhes que saiam sem demora.

O príncipe conservara-se muito bem sentado, durante todo este diálogo; quando o coronel, porém, se voltou para ele, como para dizer que tomasse uma deliberação, Florizel tirou o charuto muito devagar e declarou:

– Vim aqui a convite de um seu amigo. Ele deve tê-lo informado das nossas intenções. Deixe-me recordar-lhe que, nestas condições, qualquer pessoa se julgaria ligada por compromisso e não toleraria brincadeiras. Sou criatura de hábitos pacíficos, mas, caro senhor, devo dizer-lhe que espero me dê explicações, ou então arrepender-se-á de ter consentido que entrássemos até aqui.

Ao ouvir isto o presidente soltou uma gargalhada estrondosa.

– Isto são maneiras de falar – disse ele. – Vejo que é um homem às direitas. Sensibilizou-me, e poderá fazer de mim o que quiser. Permita – continuou, dirigindo-se a Geraldine – que lhe peça um favor: o de conservar-se afastado durante alguns minutos. Tratarei primeiro com o seu amigo, e as formalidades do clube exigem que seja em audiência particular.

A seguir abriu a porta de um cubículo, para onde fez entrar o coronel. Logo que o presidente e o príncipe ficaram sós, disse aquele:

– Acredito em si, mas, quanto ao seu companheiro... responde-me por ele?

– Não tanto como por mim – respondeu Florizel – embora ele possa ter razões mais convincentes para vir até cá. Há dias foi demitido por fazer trapaça ao jogo.

– Razões de primeira ordem, concordo. Temos outros na mesma situação, e isso tranquiliza-me. Também estive na tropa?

– Estive, sim, mas deixei isso há muito tempo. Sou demasiadamente preguiçoso para fazer serviços desses.

– E qual o motivo do seu desgosto pela vida? – indagou o presidente.

– O mesmo, pouco mais ou menos. Tudo questão de indolência...

O presidente sobressaltou-se.

– Que diabo! – disse ele – deve ter qualquer motivo melhor do que esse...

– Acabou-se-me o dinheiro – acrescentou Florizel.

– É uma coisa que nos vexa, não há dúvida. Desperta-me o sentido da preguiça até mais não poder ser.

O presidente moveu o charuto na boca durante uns segundos, olhando fixamente para aquele estranho neófito. Mas o príncipe suportou esse olhar com o maior descaramento.

– Se eu não tivesse grande experiência do mundo – declarou o presidente – mandá-lo-ia embora já, mas conheço a vida e sei que, muitas vezes, as causas mais frívolas são as que forçam mais ao suicídio. E então, quando encontro uma pessoa sincera, como o senhor, prefiro transgredir o regulamento a ter que lhe negar o direito de admissão.

Tanto o príncipe como o coronel foram submetidos a um longo interrogatório; aquele primeiro e sozinho, este depois e na presença de Florizel, de maneira a que o presidente pudesse observar a fisionomia de um enquanto fazia perguntas ao outro. O resultado foi satisfatório; e o presidente do clube, depois de ter anotado num livro os pormenores relativos a cada caso, pronunciou uma fórmula de juramento, que devia ser assinada. Não se pode conceber nada de mais passivo do que a obediência requerida, nem nada de mais rigoroso do que os termos pelos quais cada qual se declarava ligado ao clube. Todo aquele que faltasse à sua palavra considerar-se-ia completamente desonrado. Florizel subscreveu o documento, não sem um certo arrepio; o coronel seguiu-lhe o exemplo com um ar visivelmente abatido. Então o presidente recebeu o respectivo dinheiro da entrada; e, sem mais nada acrescentar, introduziu os dois amigos na sala de estar do Clube dos Suicidas.

Tinha esta sala o mesmo pé direito do gabinete anterior; era, porém, maior, e forrada de alto a baixo com um lambrim que imitava madeira de carvalho. Bicos de gás e um lume claro e alegre no fogão iluminavam as pessoas presentes. Com o príncipe e o seu companheiro perfizeram estas o número de dezoito. A maior parte delas bebia champagne ou fumava. Reinava uma jovialidade febril, cortada de súbitas e horríveis pausas.

– Estão todos? – perguntou Florizel.

– A maioria – respondeu o presidente. – E a propósito – acrescentou –, se tem dinheiro consigo, é costume oferecer champagne. Dá boa disposição, e para mim constitui um lucro zito...

– Hammersmith – chamou o príncipe. – Deixo o champagne ao teu cuidado. – Disse isto, e começou a dar um giro pela sala, pelo meio dos circunstantes. Acostumado a fazer de anfitrião nas mais distintas reuniões, Florizel sabia cativar e dominar todos aqueles de quem se aproximava. Nas suas maneiras havia qualquer coisa ao mesmo tempo de vitorioso e de autoritário; e a extraordinária serenidade que exhibia dava-lhe ainda maior realce no meio daquela sociedade mais ou menos de destrambelhados. Indo de um lado para outro, não deixava de conservar os olhos e os ouvidos bem abertos, e depressa começou a fazer uma ideia geral do meio onde viera cair. Como noutra qualquer lugar, havia um tipo predominante: o do jovem cuja aparência denota inteligência e sensibilidade, mas que dispõe de pouca força ou das qualidades necessárias ao bom êxito. Muitos dos sócios tinham menos de trinta anos e alguns ainda não haviam chegado à casa dos vinte. Estavam ali, encostados às mesas, levantando ora um pé ora outro, fumando às vezes muito depressa, ou deixando os charutos apagarem-se; alguns conversavam bem, outros mostravam uma tensão nervosa, mas jamais com agudeza de espírito. Sempre que, se desrolhava nova garrafa de champagne, havia grandes manifestações de entusiasmo. Só dois se conservavam sentados: um, numa poltrona, no vão da janela, com a cabeça pendente e as mãos enterradas nos bolsos das calças, pálido, úmido de suor, muito calado, verdadeira ruína de corpo e alma; o outro, no divã junto do fogão, e muito diferente dos restantes, pelo que dava logo nas vistas. Devia andar pelos quarenta anos, embora parecesse mais velho. Florizel pensou que nunca vira homem mais feio nem mais devastado pela doença física e moral. Só tinha pele e osso, era hemiplégico e usava óculos de um grau descomunal, de tal maneira que os olhos apareciam através das lentes excessivamente aumentados e deformados.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

